

Águas que desenham territórios: reinventar os rios nas cidades contemporâneas

Waters that shape territories: reinventing rivers in contemporary cities

Nagayamma Aragão¹, Luciana Bragança², Diego Torres³, Natasha Cabrera⁴, Sergio Caruso⁵

Os rios urbanos, outrora elementos estruturantes da paisagem e da vida nas cidades, têm sido progressivamente negativados pelos processos de urbanização, com seus cursos artificializados e suas margens fragmentadas. Este dossier da Revista CIDADES, Comunidades e Territórios reúne contributos que exploram as dimensões físicas, ecológicas e simbólicas das redes hídricas urbanas, sublinhando a urgência de as reintegrar nas políticas de planeamento e nas práticas de regeneração ambiental e social. Este trabalho terá continuidade no número especial da primavera de 2026, reforçando a coerência editorial e estabelecendo um diálogo consistente entre as duas edições.

Águas que desenham territórios insere-se no âmbito da Rede Cyted RUN | Rios Urbanos Naturalizados, cuja vocação epistémica e operativa assenta na construção coletiva de uma comunidade científico-técnica transnacional dedicada à revalorização das paisagens fluviais e à sua integração nas dinâmicas urbanas contemporâneas. A rede Cyted RUN entende-se como um espaço colaborativo que articula universidades, centros de pesquisa e administrações locais para promover abordagens interdisciplinares que conciliem ciência, projeto e participação cidadã.

O dossier temático visa promover a troca de experiências e metodologias, reforçando a colaboração entre investigadores, técnicos e comunidades na construção de uma relação partilhada e responsável com os rios urbanos, num exercício coletivo de coaprendizagem e corresponsabilidade. Pretende, ainda, ampliar o diálogo da rede RUN, ligando diferentes contextos académicos e institucionais e articulando a produção interna com o debate mais amplo na comunidade científica. A presença destes trabalhos neste quadro de cooperação traduz o compromisso comum de repensar as relações entre cidade e rio, orientando-as para abordagens mais sustentáveis, inclusivas e sensíveis às especificidades ecológicas e culturais de cada território.

O contributo de Natasha Cabrera, Kelly Fernández e Emilia Creamer apresenta uma metodologia aplicada que reforça a importância das pequenas redes hídricas na estrutura urbana e ambiental das cidades latino-americanas. A proposta combina abordagens técnicas e participativas, integrando mapeamentos, diagnósticos territoriais e leitura da paisagem, para sustentar políticas de gestão e reabilitação hídrica em contextos urbanos densos. O trabalho sublinha que compreender o território a partir das suas águas é essencial para desenvolver estratégias de planeamento mais resilientes e inclusivas.

¹ Universidade Lusófona, Departamento de Arquitetura e Urbanismo e Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, Universidade de Lisboa, Portugal, nagayamma.aragao@ulusofona.pt

² Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, lubraganca@gmail.com

³ Facultad de Informática, Universidad Nacional de La Plata, Argentina, diego.torres@liffia.info.unlp.edu.ar

⁴ Universidad de Cuenca, Equador, natasha.cabrera@ucuenca.edu.ec

⁵ Universidad de Buenos Aires, Argentina, scaruso@filo.uba.ar

Por sua vez, o estudo de Juliana Valentim Harayashiki, Marluci Menezes e Silvia Mikani Pina explora as dimensões simbólicas e perceptivas da presença da água na cidade. Através de uma análise visual e espacial, as autoras revelam como os rios se tornam ausentes no imaginário urbano, sendo frequentemente soterrados, desviados ou esquecidos. A proposta valoriza o papel da arte, da memória e da percepção coletiva na reconstrução da paisagem fluvial, defendendo que tornar os rios visíveis é também um ato de justiça espacial e ambiental.

Marcelo Reis Maia propõe uma leitura histórico-geográfica da urbanização brasileira ancorada na geografia natural dos rios. Ao comparar o traçado sensível das ferrovias com a agressividade das rodovias, demonstra como as infraestruturas de mobilidade podem alinhar-se, ou romper, com os fluxos naturais e culturais das paisagens fluviais. O rio surge, aqui, como mediador técnico e cosmológico, essencial à construção de um território habitável.

Laura Torres, Gabriela Claudia Pastor, Brenda Ponzi, Erica Scheibler e Emilia Agneni examinam criticamente a retórica e as contradições das políticas de renaturalização em contextos urbanos áridos. Com base nos conceitos foucaultianos de “dispositivo” e nas práticas de regeneração urbana, as autoras revelam a tensão entre a restauração ecológica e a espetacularização da natureza nas cidades, chamando atenção para os riscos da chamada gentrificação verde e para a apropriação tecnocrática das soluções baseadas na natureza.

A dimensão histórica e infraestrutural é retomada por Isaac Marrero-Guillamón, Iván Ramírez-Osorio e Roger Sansí, que, por meio de uma etnografia densa, acompanham as (re)emergências contemporâneas de uma antiga infraestrutura hídrica que atravessa Barcelona. O estudo revela como o canal continua a conduzir não apenas água, mas também memórias, afetos e imaginários urbanos. A recuperação dessa infraestrutura como “infraestrutura verde” reabre debates sobre os limites entre o patrimônio vivo e a regulação urbana.

Por fim, Roberto Eustáquio dos Santos propõe uma abordagem pedagógica e participativa para o manejo das águas nas cidades brasileiras. A partir do conceito de “circunstância”, o autor articula escalas físicas e sociais da bacia hidrográfica e defende que o conhecimento técnico deve encontrar-se com o saber cotidiano dos moradores, promovendo uma verdadeira pedagogia das águas urbanas.

Conjuntamente, os artigos deste número compõem um mosaico de perspectivas sobre o papel dos rios como elementos ecológicos, técnicos, e culturais na paisagem urbana. A leitura cruzada destes trabalhos evidencia que a reaproximação entre cidade e rio não deve ser apenas uma questão de engenharia ou de estética paisagística, mas um processo de reconciliação territorial que requer diálogo entre saberes, escalas e temporalidades.

Os rios urbanos, outrora desprovidos de valor(es), ressurgem como infraestruturas ecológicas e sociais capazes de restituir continuidade, identidade e resiliência às cidades. Repensar o seu papel implica superar abordagens fragmentadas e integrar a água como matéria central do desenho urbano e da experiência quotidiana das cidades. Este dossier convida, assim, à reflexão sobre novas práticas de planejamento, investigação e ação que reconheçam os rios como elementos estruturantes da paisagem e catalisadores de regeneração urbana.